

Revista de
Sociologia
e Política

Revista de Sociologia e Política
ISSN: 0104-4478
EditoriaRSP@ufpr.br
Universidade Federal do Paraná
Brasil

Pansardi Vinícius, Marcos
Prestes com a palavra, de Dênis de Moraes (org.)
Revista de Sociologia e Política, núm. 12, junho, 1999, pp. 177-181
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=23801215>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

MORAES, Dênis de. (org.). *Prestes com a palavra* : uma seleção das principais entrevistas do líder comunista. Campo Grande : Letra Livre, 1997.

PRESTES POR SI MESMO

Marcos Vinícius Pansardi
Universidade Estadual de Campinas

Em 1998 comemorou-se os cem anos de nascimento de Luiz Carlos Prestes, que um autor, muito apropriadamente, chamou de nosso primeiro “herói popular”. Esta coletânea organizada por Dênis de Moraes, espera-se, deve iniciar uma série de estudos sobre a vida e o pensamento de Prestes, o nome mais importante do movimento comunista brasileiro e um dos mais importantes nomes de nosso século.

É interessante observar que não há nenhum estudo sistemático sobre a vida ou o pensamento de Prestes produzido pela academia brasileira. A magnitude da figura de Prestes, sua capacidade de gerar idolatrias e ódios, parece inibir seus possíveis candidatos a biógrafos. Quem busca conhecer a vida de Prestes terá a disposição escasso material, com pouca informação empírica e com tratamento teórico escasso.

Uma primeira tentativa de biografar nosso personagem veio à luz ainda durante o Estado Novo, patrocinada pelo PCB, e tendo como objetivo primeiro a libertação de Prestes das masmorras getulianas. Coube a Jorge Amado a incumbência de escrever uma biografia romanceada da vida do líder comunista. Calcada na estética stalinista do culto à personalidade, ela tem pouco valor historiográfico, ficando apenas como um testemunho da construção do mito do “Cavaleiro da Esperança” (cf. AMADO, 1979). Dessa mesma época há ainda o livro de Abguar Bastos (cf. BASTOS, 1946).

De sua volta do exílio, após a ditadura militar, e do seu posterior desligamento do PCB, temos dois livros de entrevistas (cf. MORAES e VIANA, 1982; NIEMAYER *et al.*, 1983), onde Prestes desenvolve suas idéias sobre sua trajetória política e pessoal, dando-nos uma valiosa visão dos acontecimentos da época. Também desse período é o livro da segunda mulher de Prestes, Maria, que revela um lado pouco conhecido do velho líder comunista: o marido, o pai e o avô (cf. PRESTES, 1982). Pouco conhecida, mais introdutória do que fruto de pesquisas profundas é o livro de Paulo Custódio (cf. CUSTÓDIO, 1995), editado numa série dedicada a biografias de “gaúchos ilustres”.

Da filha de Prestes, Anita Leocádia, tem vindo a público informações importantes para se conhecer mais sobre sua vida e pensamento. Sua tese de doutorado em História sobre a Coluna Prestes, que contou como fonte principal as memórias e depoimentos do pai, constitui-se em valioso material para conhecermos a versão de Prestes de sua participação naquele episódio fundamental da história do Brasil (cf. PRESTES, 1990). Mais recentemente tivemos a publicação de seu livro sobre a participação de Luís Carlos Prestes na Aliança Nacional Libertadora (ANL) e dos acontecimentos que desembocaram na Intentona de 1935 (cf. PRESTES, 1997).

Deve-se destacar que no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, encontra-se depositado o acervo de Prestes, à disposição dos seus futuros biógrafos (apesar de partes desse acervo ainda se encontrarem nas mãos da família de Prestes, como é o caso da série de correspondências de Prestes durante seu cárcere estadonovista, que tiveram sua publicação pela editora Vozes embargada pela família de Maria Prestes).

Por fim, pode-se lembrar o filme sobre a vida de Prestes, produzido por Toni Venturini, *O velho – a história de Luiz Carlos Prestes*, de 1996.

* * *

João Paulo Netto, no “Prefácio” do livro organizado por Dênis de Moraes, traça um roteiro de questões que deveriam ser respondidas em futuros trabalhos: (i) quais as relações entre Prestes e o PCB? (ii) quais seus quadros referenciais sistemáticos de idéias sobre história, economia e sociedade, e sobre a estrutura social brasileira? (iii) como pensar o papel de Prestes e do PCB nos vários momentos da história brasileira dos

PRESTES COM A PALAVRA

últimos setenta e cinco anos?

Sem dúvida, essa coletânea é um material inestimável para compor as futuras respostas a essas perguntas. Aqui estão todas as principais entrevistas do líder comunista, com exceção de uma: a fundamental entrevista que Prestes concedeu a Astrojildo Pereira, principal líder comunista na época. Nesse encontro, Prestes pela primeira vez se viu diante das idéias comunistas que abraçaria por toda sua vida. Dênis de Moraes não encontrou a referida entrevista, que seria talvez de vital importância para acompanharmos a conversão de Prestes. Faltaria ainda, a nosso ver, uma coletânea do mesmo nível que abarcasse os documentos oficiais de Prestes como dirigente comunista, suas intervenções nas questões partidárias e na imprensa do partido.

A coletânea de Moraes mostra um Prestes tão coerente em defender suas idéias, como dele se esperava, quanto crítico na condenação de seus próprios erros e de seu partido. No entanto, quem buscar em Prestes o pensador original, o teórico, vai se decepcionar. Não é nesse campo que o “herói” mostra suas qualidades. Ele não produziu teorias originais, o que não significa que não tivesse interpretações e idéias próprias, como essas entrevistas bem o demonstram.

A grande qualidade de Prestes foi a de não ter medo de questionar suas próprias verdades, de rever seus atos e pensamentos. As idéias de Prestes nascem em seus longos períodos de ostracismo, nos seus momentos de derrota. São nesses momentos que ele revê seus erros, faz as autocríticas que acabarão produzindo três grandes reviravoltas em seu pensamento. Em 1930, Prestes encontrou o marxismo e a “revolução nacional-libertadora”; em 1945, a “revolução nacional-burguesa”; e em 1980 a “teoria da dependência” e a compreensão da falência do projeto pecebista.

Tanto o “Prefácio” de João Paulo Netto, como a “Apresentação” de Dênis de Moraes partem da, talvez, única unanimidade sobre Luiz Carlos Prestes: a retidão de seu caráter e a intransigência, coerência e dedicação na defesa de suas idéias. Prestes é o homem do poema de Drummond, citado em epígrafe, aquele que permanece na “pureza dos rochedos”.

Tudo começa nos ambientes familiar e militar que formaram a extraordinária personalidade de Luiz Carlos Prestes. A presença forte e dominadora de sua mãe, Dona Leocádia Felizardo Prestes, obrigada a sustentar e educar os filhos com a morte prematura do Capitão Antônio Pereira Prestes, (falecido quando Luiz Carlos tinha só dez anos de idade), infunde em Prestes uma sólida consistência moral, que o ensinou a não se deixar levar pelas seduções do meio. (Para contrabalançar a influência militar, por exemplo, Dona Leocádia não permitiu a Prestes que ficasse interno no Colégio Militar). Cedo Prestes passou a ser o arrimo da família, e o pai de suas irmãs. A vida de menino pobre o levará à vida militar (na qual só entrou com “pistolão”, pois no Colégio Militar só ingressavam os filhos de coronéis ou generais), pela qual ele não demonstrava inicialmente nenhum interesse. De seu pai, Prestes guardará o exemplo de vida e, principalmente, a biblioteca iluminista (Voltaire, Rousseau, Diderot) de onde saíra o contraveneno às aulas de catecismo, proferidas pelo capelão da Escola Militar, e o tornaria sensível às idéias materialistas.

Ao juvenil senso de responsabilidade de Prestes, soma-se o precoce sentido de liderança formado a partir de sua brilhante atuação como aluno da Escola Militar onde não só se destacou como o melhor aluno de sua época, mas um dos melhores de todos os tempos daquela instituição.

Nas primeiras três entrevistas, encontraremos Prestes em seu exílio boliviano, buscando um caminho que o levasse a compreender qual a causa daquela miséria que tanto o chocou, e também aos seus companheiros de Coluna, em suas andanças pelo vasto interior do Brasil. Qual a causa da brutal opressão que sofriam as populações miseráveis do campo, vítimas de um Estado que só lhes era percebido pela ação dos cobradores de impostos e da violência policial? Da experiência da Coluna, Prestes vai conhecer um povo profundamente oprimido, nutrido um profundo sentimento antigovernista, contudo, sem consciência política para realizar transformações de qualquer monta. Em 1928, pensa a revolução — única forma de quebrar essa máquina onipresente — como um produto da atividade revolucionária da Coluna que progressivamente desperta a consciência política nas cidades e nos campos. Já aí Prestes concebe um Estado bem diferente daquele aprendido na Escola Militar, o Estado “acima dos conflitos sociais, distribuidor de justiça e harmonizador”. Compreende a revolução como uma atividade popular, e não como resultante apenas de um golpe militar. Portanto, já em rota de colisão com seus antigos companheiros, que viam a revolução como um produto das elites, substitutas de um povo inerme e submisso.

Essa visão vai facilitar a conversão de Prestes ao comunismo, conversão essa produto da leitura de *O*

Estado e a revolução, de Lênin. Aqui a concepção de um Estado a serviço das classes dominantes acende a luz que Prestes estava procurando: “Preciso raspar os miolos e colocar uma cabeça nova no lugar. Foi a impressão mais forte que já sofri”. A Coluna levantou questões sobre um país que ele não conhecia; o marxismo lhe deu as respostas que ele ansiosamente esperava.

O Manifesto de maio de 1930 separa Prestes de seus companheiros de Coluna, e rompe definitivamente suas articulações com a Aliança Liberal, ao compreender que ele e seus companheiros seriam o braço armado da burguesia dissidente. Segundo Prestes, o manifesto tinha como objetivo ser um divisor de águas entre os revolucionários e os “pseudo-revolucionários” de ocasião, todos aqueles que viam o “progresso como um processo construído sobre a exploração do povo”. Já aí Prestes propõe uma revolução popular agrária e antiimperialista, uma aliança entre os setores urbanos, controlados pelo PCB, e os trabalhadores do campo, sob a influência da Coluna. Contudo, seu apelo ficará no ar, pois nem os “tenentes”, nem os comunistas o seguirão. Ao contrário, será atacado violentamente por todos. Os “tenentes”, em sua sede golpista anti-oligárquica, iriam em peso para as hostes getulistas; os comunistas, por outro lado, outrora fascinados por Prestes, sentiriam o perigo de um efeito *kuomintang*, o “prestismo” pequeno-burguês arrastando o PC à sua sombra.

Com efeito, esse temor não era injustificado, pois foi isso exatamente o que aconteceu. A entrada de Prestes se deu à revelia da direção “obreirista” do partido. Ela foi decidida diretamente em Moscou, onde Prestes era tido como o principal líder comunista brasileiro sem ser, ainda, membro do partido. A entrada de Prestes no PC, em 1934, transformou o provinciano partido, reduzido a pequenos núcleos urbano-sindicalistas, enfraquecido pela recente substituição de sua liderança fundadora saída dos quadros do anarquismo, por uma direção operária fraca e intelectualmente medíocre, presa fácil do prestígio “prestista” que alargava e rompia os frágeis muros da estrutura partidária. Com Prestes, o partido se torna verdadeiramente um participante do “grande jogo da política”, não apenas nacional, mas também internacional. Com a ANL se torna uma força política e popular. Contudo, o partido proletário vai pagar um preço por esse assalto ao céu. Mais e mais o partido se infiltra nos quartéis, mais e mais o partido é infiltrado pelos quartéis. Seu secretário-geral será Antônio Maciel Bonfim, o “Miranda”, ex-sargento do Exército, companheiro de Prestes na prematura Liga de Ação Revolucionária (LAR). A ANL não foi uma fachada comunista, mas sim a cooptação do PC pela ala radical (socialista-nacionalista) do tenentismo.

Em entrevistas posteriores, Prestes vai sustentar que em 1935 predominava uma visão golpista, pequeno-burguesa, subjetivista. A “intentona” foi a revolução do manifesto de trinta, do combate à fascistização do Estado brasileiro, a última e mais radical manifestação tenentista.

Um longo silêncio vai ser imposto a Prestes após a derrota do movimento. O Estado Novo não vai ouvir suas palavras e sua primeira entrevista será dada logo após a saída da prisão, em 1945. Nessa entrevista já estão presentes as idéias que orientarão a política pecebista ao longo de mais de três décadas. A concepção da “revolução democrático-burguesa”, formulada por Otávio Brandão na década de vinte, adotada por Prestes em seu Manifesto de trinta, agora receberá sua versão “modernizada” nos textos do “tenente” Nelson Werneck Sodré. Superando a estratégia “golpista” do tenentismo, Prestes, contudo, vai dar continuidade a suas idéias sobre a necessidade da conscientização do povo, uma necessidade pedagógica, através das liberdades proporcionadas por um regime democrático, do acordo entre as forças progressistas e da reforma agrária.

Fora o período entre a cassação do PCB, no governo Dutra (em 1947), e a morte de Vargas (em 1954), quando imperou um radicalismo “golpista”, produto do fechamento do caminho democrático ao Partido, e mesmo após o golpe, a visão de Prestes vai orientar-se por duas idéias: primeiro, a necessidade de reconstruir o PCB sob bases revolucionárias; depois, a visão de que uma interpretação sobre o Brasil tem que partir da idéia de “atraso”, tanto de sua estrutura sócio-econômica, como de suas estruturas culturais e políticas.

Um capitalismo de base agrária e semi-feudal, dominado pelos interesses americanos e uma estrutura política baseada numa democracia frágil e sitiada por golpistas de todas as matizes: o problema consistiria em apoiar uma coalizão progressista que garantiria a consolidação democrática, regime que permitiria a sobrevivência do frágil PCB e proporcionaria também o ascenso das forças populares (política das mãos estendidas). Esse ascenso dependeria também do desenvolvimento das forças capitalistas, que, portanto, deveria ser apoiado pelas forças progressistas (“o maior problema do proletariado é que o insuficiente desenvolvimento do capitalismo é mais problemático do que a exploração desse”).

Que não se duvide da forte presença da Guerra Fria em todas essas estratégias e concepções. A luta entre

PRESTES COM A PALAVRA

os Estados Unidos e a URSS, no contexto internacional, a consolidação do bloco socialista e a crença na inevitabilidade da vitória do socialismo explica a defesa incondicional de Prestes da URSS, como também é um dos fatores de peso na construção do nacional-reformismo do PCB.

Uma das características mais fortes no pensamento prestista é sua crença no papel imprescindível desempenhado pelo elemento popular nesse processo. Desejo e realidade se confundem na interpretação do período, caracterizado por ele pela transformação das classes populares no principal ator político. Assim, ele foi o responsável pela anistia de 1945, pela eleição de Vargas, pelas lutas nacionalistas, pela vitória de Kubitschek, assim como pelo desbaratamento do golpe contra sua eleição, pela luta pelas reformas etc.

O fortalecimento da aliança com a burguesia parece também se consumir. Para Prestes, a burguesia resumiria-se, principalmente, naqueles que ele considerava seus representantes máximos: Vargas, Kubitschek, Goulart e Brizola. A crescente intimidade dos comunistas com essas lideranças demonstraria a crescente radicalização daquela classe.

Por outro lado, a lealdade àquele exército em que se formara o Cavaleiro da Esperança não desapareceu sob a ideologia comunista. Na volta de seu cárcere estadonovista, Prestes ainda pensa em voltar ao exército, idéia que progressivamente abandonará. Contudo, não abandonará, pelo menos até o golpe de 1964, sua ilusão sobre o caráter essencialmente democrático da instituição (“o exército mais democrático da América Latina!”), principalmente devido a origem pequeno-burguesa (ou seja, popular) de seus oficiais. Assim é que Prestes e o PCB são pegos completamente de surpresa em março de 1964. O “golpismo” que iniciara em 1922, resignar-se-ia Prestes, fora, afinal, a grande contribuição dos “tenentes” ao ideal militar.

O Prestes que volta anistiado em 1979 incorpora as críticas mais agudas sobre a atuação do PCB no período democrático, reconhece o irrealismo da visão democrático-burguesa, produto de uma visão simplista da situação brasileira construída a partir das conclusões do VI Congresso da Internacional Comunista de 1928. Compreende que a contradição entre nação e imperialismo não existia, pois nosso País não era uma colônia ou semi-colônia e sim um País independente; que o capitalismo já era a forma de produção dominante desde o século passado e que, portanto, a contradição principal era entre proletariado e burguesia. Renega as visões dualistas e incorpora as principais críticas dependentistas. Constata a fragilidade do partido após a crise de 1956 e sua incapacidade de responder às insatisfações de seus militantes, seu fechamento ao debate. Seu centralismo democrático serviu como fortaleza onde se enclausurou a direção pecebista.

As críticas de Prestes levaram-no a um crescente isolamento do restante da cúpula do partido, até que, no início da década de 80, após 46 anos de militância, deixa o PCB. No período que vai de sua saída do PCB até sua morte, em 1990, Prestes manterá uma intensa atividade política, cujo objetivo último é construir um verdadeiro partido revolucionário, que segundo ele, nunca existiu no País.

Na política nacional, Prestes aproxima-se do PTB de Brizola e revela opiniões muito favoráveis sobre o PT e Lula, considerado por ele como um líder de extraordinário talento. Vê nesses dois partidos as únicas alternativas viáveis para a esquerda, já que o PCB e o PC do B são considerados capitulacionistas. Mas é sobre a situação internacional que as opiniões de Prestes chamam a atenção. Prestes se transforma num crítico realista do período stalinista: “o maior mal que se poderia fazer ao marxismo”, “a burocracia cometeu erros imperdoáveis”, “o povo está se rebelando nesses países na medida exata da repressão que sofreu dos ditadores comunistas”. O período Gorbachev recebe a aprovação de Prestes: ele “está corrigindo os erros de Stálin”. Mesmo quando Gorbachev decreta fim do partido único, Prestes o apóia entusiasticamente: “nenhum partido tem esse direito”, “o povo quer democracia”, “o socialismo é sinônimo de democracia”. Sua lealdade à URSS — “nunca falei nada porque acho que isso é um problema interno da URSS [...]” —, não é maior que sua lealdade aos ideais socialistas. Prestes não assistiu ao fim da URSS, mas suas opiniões sobre os outros países do Leste Europeu nos levam a acreditar que ele compreenderia esse fato como inevitável, e um passo adiante no caminho do socialismo.

No final de sua vida Prestes se viu, novamente, um general sem soldados. Sem partido, viu suas portas se fecharem também no PDT e no PT; foi excluído de palanques sindicais, teve seu microfone cortado pela CUT. Assim como em 1930, Prestes não temeu marchar sozinho. Afinal, suas únicas lealdades seriam, como sempre foram, acima do exército, do partido e da URSS, seu país e o seu povo.

Ao se acabar de ler a última entrevista de Prestes, só nos cabe saudar a Dênis de Moraes pela produção dessa coletânea; material inestimável, não apenas para se conhecer o pensamento e a vida de Prestes, mas

também do PCB, do movimento comunista e da história brasileira desse século.

Recebido para publicação em agosto de 1998.

Marcos Vinícius Pansardi (pansardi@obelix.unicamp.br) é Mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutorando em Ciências Sociais pela mesma universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J.** 1979. *A vida de Luiz Carlos Prestes : o Cavaleiro da Esperança*. Rio de Janeiro : Record.
- BASTOS, A.** 1946. *Prestes e a revolução social*. Rio de Janeiro : Calvino,
- CUSTÓDIO, P.** 1995. *Luís Carlos Prestes*. Porto Alegre : Tchê.
- MORAES, D. de e VIANA, F.** 1982. *Prestes : lutas e autocríticas*. Rio de Janeiro, Vozes.
- NIEMAYER, O. et al.** 1983. *Prestes hoje*. Rio de Janeiro : Codecri.
- PRESTES, A. L.** 1990. *A Coluna Prestes*. São Paulo : Brasiliense.
- _____. 1997. *Prestes e a Aliança Nacional Libertadora : os caminhos da luta antifascista no Brasil : 1934-1935*. Petrópolis : Vozes.
- PRESTES, M.** 1982. *Meu companheiro : 40 anos ao lado de Luís Carlos Prestes*. Rio de Janeiro : Rocco.

* * *